

ções socioculturais favoráveis. Pode adquirir bastante consistência e poder para retroagir sobre os espíritos humanos e subjugar-los.

Sistemas filosóficos e grandes ideologias

Sistemas filosóficos

Distingamos:

- os sistemas de idéias, cujo campo de pertinência limita-se, apenas, ao conhecimento (teorias científicas);
- os sistemas de idéias que ligam estreitamente fatos e valores e, portanto, têm um aspecto normativo (teorias não-científicas, doutrinas, sistemas filosóficos, ideologias políticas);
- os sistemas de idéias com pretensão explicativa universal (grandes doutrinas, grandes sistemas filosóficos, grandes ideologias).

Os sistemas filosóficos, ao menos em sua forma laicizada, apareceram tardiamente na história das sociedades e o seu domínio é marginal. Com certeza, há, apoiando as mitologias, concepções antropológicas e cosmológicas que podemos, hoje, traduzir como filosofias. Em todas as grandes religiões, constituíram-se esqueletos de idéias que, por vezes, poderiam ser sistemas filosóficos integrais se não comportassem, como estrutura legitimadora, ou mesmo racional, a Fé e o Culto.

A grande exceção acha-se no caso do budismo, ele mesmo uma religião de exceção ou, antes, uma concepção de mundo e da vida que originou ramos filosóficos mais ou menos envolvidos por cultos. A grande originalidade dos sistemas budistas em relação a quase todos os sistemas filosóficos ocidentais é que eles têm o vazio ou o nada como ponto de partida e de chegada.

Na Europa, os sistemas laicos de idéias, constituindo visão de mundo, da vida, do homem, do real, apareceram nas ilhas gregas seis séculos antes da nossa era. Um espaço autônomo, propício ao livre desenvolvimento dos sistemas filosóficos, instituiu-se

em Atenas um século mais tarde. Esse espaço se alastrará pelo Império romano, mas, convertida em única religião do império, a Igreja cristã interditará a filosofia laica. É certo que o cristianismo medieval conseguirá assimilar o aristotelismo como um subsistema, e doutrinas filosóficas de limitada soberania poderão enfrentar-se à sombra da Cruz.

O Renascimento opera a ressurreição de um espaço filosófico que obterá, dois séculos mais tarde, a sua plena autonomia. Esta não ficará, contudo, definitivamente garantida. No século XX, o poder stalinista suprimirá o espaço filosófico, e o poder nazista expulsará as idéias insanas.

A esfera filosófica, historicamente recente e frágil, encontra-se socialmente limitada a uma casta de filósofos que, a partir do século XIX, fecha-se nas universidades. Enfim, o desenvolvimento das ciências realizou-se repelindo as idéias filosóficas ou negando-lhes qualquer pertinência. Contudo, foram o esforço e o florescimento filosóficos que iniciaram e estimularam o processo de laicização formador da sociedade européia moderna; do cadinho filosófico saíram todas as grandes ideologias que animaram a história política e social das nações européias e animam, agora, a do mundo.

A partir do Renascimento, o mundo é requestionado; depois que Cristóvão Colombo aumentou a Terra e Copérnico e Galileu diminuíram-na no céu, Deus é requestionado, assim como o homem; a interdependência dessas reflexões determina uma problematização generalizada. A perda dos antigos fundamentos de inteligibilidade e de crença suscita a procura incessante de novos fundamentos e a formação ininterrupta de novos sistemas filosóficos, os quais levantam mais questões do que fornecem respostas, o que relança em permanência a busca. E, assim, a noosfera filosófica européia desenvolve-se com uma intensidade prodigiosa apresentando duas faces opostas e atreladas: de um lado, uma atividade crítica, que já não se exerce apenas, nem principalmente, sobre a religião, mas sobre os próprios sistemas racionais (racionalizadores), sobre as idéias dominantes, os princípios, os fundamentos; por outro lado, a elaboração ininterrupta de sistemas, até o maior de todos, o de Hegel; a partir desse momento, a história da filosofia será um